

FOTOGRAFIA SOCIAL DA MATERNIDADE E PATERNIDADE NA ADOLESCÊNCIA¹

Soraia Veloso Cintra – FACIP/UFU

Rosanne Aparecida Capanema Ribeiro – UFU

INTRODUÇÃO

Não é fácil definir o que é adolescência, mas, ao mesmo tempo é fácil identificar adolescentes em qualquer lugar. Algumas características são marcantes neste período, pois são jovens em busca da própria identidade e por isso mesmo estão sempre juntos, seja na escola, no shopping, nos barzinhos da moda, na rua de casa. Para os(as) adolescentes trata-se de um período de transição, um rito de passagem para a vida adulta. Muitos sentem dificuldades ao chegar a esta fase, principalmente diante das mudanças biológicas.

Mas como definir a adolescência? Do ponto de vista legal, o Estatuto da Criança e do Adolescente compreende a adolescência no período entre 12 e 18 anos; enquanto que para a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa faixa pode ser ampliada: dos 10 aos 19 anos, sendo subdividida em dois períodos, dos 10 aos 14 e dos 15 aos 19 anos.

O período, porém, é de mudanças físicas e psicológicas. “É preciso dar ao adolescente oportunidade de refletir sobre a própria vida no âmbito pessoal, familiar, religioso, cultural e social”. (BAGNAELLI, 1996, p. 13-14). As curiosidades, dúvidas, tristezas e alegrias são as mesmas. Às vezes com mais ou menos intensidade, havendo poucas variações; meninas e meninos vêm seus corpos se transformarem e, em alguns casos, não conseguem se adaptar. Arnaldo Antunes expressiu bem esta fase na música *Não vou me adaptar*.

¹ O artigo finaliza o projeto Fotografia social da maternidade e paternidade na adolescência no município de Ituiutaba (MG) realizado entre 01º de novembro de 2010 a 31 de janeiro de 2012, conforme edital 15/2010 PIBIC - ENSINO MÉDIO / CNPQ /UFU, destinado a estudantes do ensino médio de todo Brasil. Contou com a estudante do Ensino Médio Rosanne Aparecida Capanema Ribeiro, atualmente discente da Universidade Federal de Uberlândia, no curso de Medicina Veterinária, e com a professora-doutora Soraia Veloso Cintra, do curso de Serviço Social das Faculdades de Ciências Integradas do Pontal (FACIP/ UFU). Durante todo o texto, os(as) leitores(as) poderão observar a linguagem de gênero, pois foi adotado as formas masculina e feminina para expressão, condizentes com os estudos de gênero das autoras. Email para contato: solveloso2008@hotmail.com

Eu não caibo mais nas roupas que eu cabia. Eu não encho mais a casa de alegria. Os anos se passaram enquanto eu dormia e quem eu queria bem me esquecia. Será que eu falei o que ninguém ouvia? Será que eu escutei o que ninguém dizia? Eu não vou me adaptar. Não vou... Eu não tenho mais a cara que eu tinha. No espelho essa cara não é minha. Mas é que quando eu me toquei achei tão estranho, a minha barba estava desse tamanho. (ANTUNES, 1985).

A passagem da infância para a adolescência implica em várias questões, entre elas a hormonal. Durante a infância o corpo produz hormônios, mas em níveis muito baixos; na adolescência, ao contrário, esses níveis aumentam, trazendo aos jovens várias descobertas do seu novo corpo, expectativas e sentimentos, pois na fase da pré-puberdade (oito aos 12 anos), o grupo social ao qual eles pertencem torna-se de suma importância, evidenciando assim as diferenças comportamentais entre os sexos: a divisão da turma meninos x meninas, onde a menina tem uma ou duas “melhores amigas”, com as quais divide todas suas confidências, e os meninos tem um grande número de amigos que dividem suas brincadeiras.

As principais transformações físicas que ocorrem nessa fase nos meninos são: aumento de suor, principalmente próximo aos genitais e nas axilas; aumento de acne; crescimento e mudança de forma dos músculos; escurecimento e mudança de textura da bolsa escrotal; mudança na voz; sendo um marco a ereção com ejaculação. Nas meninas registram-se: aceleração do crescimento do corpo; desenvolvimento das mamas; crescimento de pêlos ao redor dos genitais; pêlos nas axilas, nos braços e rosto (discretos), aumento dos quadris, alargamento da pelve; arredondamento das formas do corpo; acne; desenvolvimento dos lábios genitais e do clitóris; e ciclo menstrual. Segundo Suplicy, (1983, P.52) “[...] Chama-se puberdade o período em que ocorrem as mudanças biológicas o que torna o indivíduo apto à procriação. Chama-se adolescência o período no qual ocorrem mudanças sociais e psicológicas, e que vai da puberdade a idade adulta.”

A puberdade, ou seja, a fase em que se manifesta a maturidade sexual assinala a passagem da criança para adolescência. As modificações que então ocorrem afetam tudo na pessoa. Fazem-na agir de modo diferente, parecer diferente e sentir-se diferente. Suas atitudes para com os outros, se modificam e, certamente, sua atitude para consigo mesma. (MODIANO, s.d., p.20).

A sexualidade é uma função humana complexa e difícil de definir. Ela se manifesta de modo diferente nas pessoas e passa por um processo de evolução durante as diversas fases da vida. Atualmente considera-se a sexualidade não só como uma função para fins de reprodução (geração de filhos), mas também como uma forma de comunicação entre as pessoas. Isso é o que contribui enormemente para o desenvolvimento de uma vida sexual saudável e sem conflitos. Esta, por sinal, é influenciada pela educação recebida e pelas experiências vividas durante a infância e adolescência. Nesse sentido são importantes as experiências positivas que acompanham o crescimento, tais como: os cuidados com o corpo; a satisfação das necessidades básicas, como a fome e o sono, o contato corporal com outras pessoas; o relacionamento de carinho com os pais e a aceitação do próprio corpo.

É na puberdade que o corpo da criança começa a amadurecer e é natural que nesse período curiosidade a respeito do sexo aumento, culminando em muitas dúvidas e aflições. Os adolescentes têm necessidade de se sentirem aceitos em seu meio social, pois estão em um período de extrema sensibilidade e prontos para o despertar ao sexo oposto.

Neste contexto, sua visão de mundo e forma de relacionar-se se torna mais intensa, repleta de experiências, dúvidas e descobertas. As festas, barzinhos, shoppings, escolas, tornam-se cenários para que as relações se estreitem cada vez mais, inclusive os contatos físicos. Diante dessa realidade, um comportamento muito freqüente entre os jovens é o “ficar”, primeiro contato físico entre duas pessoas e que pode ou não se transformar em um namoro, já que o ato de ficar é um contato físico e/ou afetivo sem compromissos de fidelidade. Durante essa fase podem acontecer relações sexuais, portanto, é neste período que se devem reforçar as informações a respeito de métodos contraceptivos, preservativos, doenças sexualmente transmissíveis (DST), gravidez e paternidade precoces, pois esses são fatores muitas vezes inesperados, mas que todos os jovens que tenham uma vida sexual ativa estão sujeitos, podendo acarretar conseqüências determinantes em suas vidas. Portanto, não é suficiente apenas conhecer os métodos contraceptivos, é preciso incentivar o seu uso de forma correta e responsável, considerando assim o importante papel do adolescente, no sentido de se responsabilizar por si e pelo próximo, prevenindo riscos, doenças e vivenciando uma vida sexual saudável.

Os(as) adolescentes vivem plenamente esta fase, descobrindo aos poucos as vantagens e desvantagens de não serem mais crianças, ao mesmo tempo em que ainda não chegaram à fase adulta. Eles(elas) descobrem tudo o que desejam (e precisam) saber, mesmo

que ninguém explique ou oriente. E quando os pais acham que as filhas ainda estão brincando de bonecas, elas já tem uma vida sexual ativa; ou os meninos descobrindo sua sexualidade com outros meninos. Em 1998, pesquisas apontavam que as meninas começavam a vida sexual ativa entre 13 e 16 anos, média que prevalece segundo estudo de 2011 realizado no município de Ituiutaba (MG).

Aparentemente, nem mesmo as revistas direcionadas ao público jovem conseguem suprir as necessidades, anseios e curiosidades dos(as) adolescentes. É interessante ressaltar que estas publicações são direcionadas as meninas o que demonstra que a responsabilidade de se cuidar ainda é da mulher, mesmo quando afirmam justamente o contrário. Nas redes sociais, hoje campo mais comum aos adolescentes, a troca de informações é mais rápida, mas será que ela vem acompanhada de conhecimento?

Hoje em dia, os valores morais vigentes em nossa sociedade ainda restringem bastante a vida sexual da adolescente. Por outro lado, a mesma sociedade tem estimulado cada vez mais a sexualidade usando-a em todo o tipo de propaganda. Basta liga a televisão para perceber que o sexo vendo tudo, de automóveis a sabão em pó. (SANTOS, 1996, p. 62).

É preciso trabalhar a sexualidade com responsabilidade, mostrando que o uso do corpo exige cuidados. “A propaganda explora o sexo no sentido de convencer as pessoas de que usando determinado produto, elas serão mais felizes. E amar é ótimo e quem ama quer fazer amor”. (QUADROS, 1991, p. 16). E isso se torna complicado porque os(as) adolescentes estão se formando, saindo de uma “casca”. É um período de transição onde tentam se firmar como adultos e ficam confusos(as) ao receberem informações, muitas vezes, distorcidas. Os pais, aparentemente, também ficam perdidos, porque muitos não receberam educação sexual para transmiti-la a seus(suas) filhos(as). E as novas gerações manifestam sua sexualidade cada vez mais cedo.

As meninas são estimuladas desde cedo para que sejam bonitas, tenham belas pernas, um rosto bonito e que usem batom. O estímulo é para que seduzam o companheiro. Mas só que na hora em que ela vai efetivar todos os anseios, vem a sociedade e diz que é proibido. (NETO, 1991).

O nível de informações que os jovens estão recebendo seria suficiente? E de onde seria melhor que ela viesse? A desinformação muitas vezes é utilizada como desculpa ou para explicar os números de adolescentes grávidas. E onde buscar estas informações? Na família, na escola, na internet? A falta de diálogo pode fazer com que os(as) adolescentes se sintam sozinhos(as), não dividindo suas dúvidas e angústias com familiares. De qualquer forma é difícil estabelecer limites para os(as) adolescentes, pois tudo é alusivo ao final feliz, apesar da realidade ser muito diferente. Vieira (1993) credita a escola, aos pais e aos profissionais das áreas da saúde e da comunicação a responsabilidade para tratar a gravidez precoce como um problema de saúde pública, criando condições para estruturar melhor os(as) adolescentes.

Os números oficiais do Ministério da Saúde demonstram decréscimo nos partos entre adolescentes nos últimos 10 anos, mas o número de jovens que se tornam pais e mães entre 12 e 18 anos ainda é considerado alto. Há registros mais graves que demonstram gravidez e parto na faixa etária dos 11 anos. É por isso que a informação aliada ao conhecimento é necessária.

Assumir a sexualidade é sempre difícil, pois apesar de conhecer os métodos de anticoncepção e de terem condições de procurar um médico ou alguém para orientar-lhes, os(as) adolescentes, principalmente as meninas, não têm coragem de dizer 'eu mantenho relações sexuais e gosto disso'. A sociedade, patriarcal e conservadora, encara o início da vida sexual com restrições. O que, no caso das meninas, a situação é ainda pior. Há ainda o fator religioso que não será explorado neste momento.

Para os pais, os(as) filhos(as) nunca crescem, o que representa uma maneira de mascarar sentimentos e proteger-se de decepções. Também poderia ser considerado um mecanismo de controle, afinal, crianças não fazem sexo. Mas esta situação, só mascara a realidade, pois os(as) jovens iniciam a vida sexual cada vez mais cedo.

De acordo com dados do Ministério da Saúde entre 2005 e 2009 a quantidade de partos das adolescentes entre 10 e 19 anos caiu 22,4%, e, entre 2000 e 2009, a maior taxa de queda anual ocorreu em 2009, quando foram realizados 444.056 partos em todo o País – 8,9% a menos que em 2008. Em 2005, foram registrados 572.541. Ao longo da década, a redução total foi de 34,6%. Ainda de acordo com dados do Ministério da Saúde essa redução é atribuída às campanhas destinadas aos adolescentes e à ampliação do acesso ao planejamento familiar. Só em 2009, foram investidos R\$ 3,3 milhões nas ações de educação

sexual e reforço na oferta de preservativos aos jovens brasileiros. Nos últimos dois anos, 871,2 milhões de camisinhas foram distribuídos para toda a população.

Apesar dos investimentos e do acesso à informação ser muito mais amplo na atualidade (internet, redes sociais, telefones móveis), o número de adolescentes que engravidam ainda preocupa diversos setores da sociedade – como o social, a saúde, a educação. Uma das preocupações, inclusive, não é mais a questão da transmissão da informação, mas a recepção e o que adolescentes de ambos os sexos fazem com elas.

Foi pensando nesta questão que durante o ano de 2011, foi realizada pesquisa sobre maternidade e paternidade na adolescência no município de Ituiutaba (MG) que objetivava levantar o número de adolescentes pais e mães em uma escola do município, além de trazer à discussão transmissão x recepção de informações. Visava proporcionar que esta discussão fosse levantada pelos(as) próprios(as) adolescentes para que eles(elas) apontassem as melhores estratégias para que as informações alcançassem os(as) jovens e que os(as) mesmos(as) pudessem utilizá-las para os momentos de descobertas responsáveis. Também se desejava compreender como direção, professores e pais encaram a maternidade e a paternidade na adolescência.

[...] Não basta informar sobre métodos contraceptivos. É preciso garantir o acesso a esses métodos com orientação segura, e não-preconceituosa; é preciso orientar sobre a contracepção de emergência e garantir o acesso ao medicamento; é preciso ampliar os espaços para orientação e educação sexual, nos quais temas complexos como a negociação para uso da camisinha, o prazer, a violência e o abuso sexual possam ser discutidos abertamente. (CAVASIN, 2004, p.19).

MÉTODOS E RESULTADOS

Os resultados aqui apresentados referem-se à pesquisa Fotografia social da maternidade e paternidade na adolescência no município de Ituiutaba (MG) realizada entre novembro de 2010 e janeiro de 2012, que atendeu ao Edital 15/2010 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica no Ensino Médio – PIBIC EM/CNPq 2010/2011. O PIBIC EM CNPQ / UFU, tem o objetivo de propiciar oportunidades aos estudantes do Ensino Médio de participarem de atividades de pesquisa e divulgação científica

no âmbito da UFU. Além disso, visa estimular os pesquisadores a incorporarem estudantes do Ensino Médio em seu cotidiano de pesquisa; estimular, a partir da relação entre os pesquisadores e os estudantes do Ensino Médio, o envolvimento de toda a comunidade acadêmica nas atividades de divulgação científica; incentivar a participação de estudantes do Ensino Médio junto a grupos de pesquisa favorecendo uma aprendizagem por meio da investigação e possibilitando o desenvolvimento de atividades de divulgação científica a serem disponibilizadas para toda a comunidade; e estimular o desenvolvimento do senso crítico dos estudantes diante das diferentes produções do conhecimento e situações da vida. Para a concretização do programa, são selecionadas escolas públicas do município e estas por sua vez selecionaram estudantes que passam por uma nova seleção junto aos professores pesquisadores.

A pesquisa foi realizada em uma das escolas selecionadas para o programa PIBIC-EM CNPQ UFU com a autorização e apoio das diretoras. Inicialmente, foram realizados estudos bibliográficos que visavam aproximar a estudante pesquisadora com o tema a ser desenvolvido.

De acordo com os estudos realizados e do pré-teste, as pesquisadoras optaram pelo questionário com perguntas abertas e fechadas que pudessem ser respondidas pelos(as) participantes da pesquisa. Desta forma, passou-se a seleção dos(as) adolescentes a partir dos seguintes critérios: que estudassem na escola participante, nos períodos matutino e noturno, cursando o 2º ou 3º anos do Ensino Médio. Já no caso dos(as) adolescentes pais e mães, a seleção foi realizada a partir do conhecimento empírico da própria pesquisadora, tendo em vista que a escola não forneceu dados suficientes que pudessem ser estabelecidos contatos. Mesmo assim, foram entrevistados(as) três jovens mães e pais na adolescência. A pesquisa também previa seleção de pais e professores, mas os questionários foram entregues somente para os últimos.

A partir da seleção, foram entrevistados(as) cerca de 120 adolescentes, sendo descartados 13 questionários por estarem fora da faixa etária estabelecida na pesquisa (15 a 18 anos). Desta forma, a pesquisa ficou com 107 questionários, respondidos individualmente por adolescentes de ambos os sexos. Foram aplicados questionários a três adolescentes mães e a um adolescente pai, além de sete professores(as). A todos(as) os(as) participantes foram garantidos, o anonimato e respeitado o direito de desistência a qualquer momento da pesquisa.

A “fotografia” destes(as) jovens mostrou que a maioria é do sexo feminino (67), com idades entre 15 e 19 anos, cursando o Ensino Médio no período matutino. Alguns resultados são aqui apresentados:

- A maioria dos(as) adolescentes afirmam conversar e esclarecer suas dúvidas sobre sexualidade, métodos contraceptivos, entre outros, e a preferência recaiu entre amigos e família, sendo que entre as jovens a família pode ser considerada o “porto seguro”. Os meninos, por sua vez, têm nos amigos o elo mais forte e são neles que buscam conversar sobre sexualidade. Ainda existem aqueles que não conversam. Os motivos não se justificariam no século XXI, mas eles aparecem: vergonha e falta de liberdade. Ao mesmo tempo, alguns afirmaram que é importante buscar informações seja com a família, com os amigos, na escola, nas redes sociais, nos meios de comunicação social.
- Outra questão importante apontada era o início da vida sexual e apenas um adolescente declarou ter iniciado aos 11 anos. A maior faixa ficou entre 15 e 16 anos tanto entre as meninas quanto entre os meninos. A partir do início da vida sexual, os(as) adolescentes afirmaram utilizar métodos contraceptivos para evitar uma gravidez indesejada: 30 adolescentes do sexo feminino e 23 do sexo masculino, sendo a camisinha o método mais declarado.
- Os(as) adolescentes entrevistados(as) afirmaram que conhecem pais e mães adolescentes em seu círculo de amigos. A eles(elas) também foi perguntados(as) qual havia sido a reação diante da notícia. Interessante avaliar as respostas, pois os adolescentes afirmaram terem ficado espantados, surpresos ou em choque – respostas que podem indicar certo conservadorismo ainda presente na sociedade brasileira.
- Entre os(as) adolescentes que têm uma vida sexual ativa, 30 do sexo feminino e 23 do sexo masculino, responderam que fazem uso de métodos contraceptivos. A camisinha é o método mais utilizado.

Foram entrevistados também quatro adolescentes que já encaram a maternidade e a paternidade e as questões abordaram a compreensão das mudanças ocasionadas pela chegada dos(as) filhos(as), idade da primeira relação sexual, uso de

contraceptivos, prevenção, informação entre outras. Algumas respostas chegam a ser contraditórias, possível reflexo da própria adolescência, período realmente cheio de incertezas e contradições.

- Como em outras pesquisas, os(as) entrevistados(as) afirmam conhecer os métodos anticoncepcionais, mas ‘naquele dia’ não utilizaram o que ocasionou a gravidez não planejada.
- Duas meninas entrevistadas foram mães aos 16 anos, e a outra aos 17. Já o rapaz foi pai aos 18 anos. As mulheres ainda não voltaram para a escola. Após a maternidade / paternidade, o cotidiano de cada um mudou bastante. O jovem explica como ficou sua vida após a paternidade.

Era algo muito novo, um desafio, mas era como se eu esperasse por isso, como se meus pais estivessem me preparando para o mundo no qual eles situam. Fui muito criticado e até ofendido, a mudança de vida foi muito rápida, a troca de trabalho, a escolha de um curso superior, a saída da casa dos meus pais, a responsabilidade que aumentara gradualmente, não existia mais um jovem rapaz que sonhava em desbravar o mundo através do esporte, mas sim um rapaz que pensava no real amanhã, na corrida contra o tempo para me tornar um espelho para meu filho, um marido honrado, pai dedicado, um trabalhador e um aluno que venceu na vida. (PAI, 18 anos).

Professores da escola também foram selecionados para expor suas opiniões sobre o binômio ‘informação x conhecimento’, salientando a importância da escola quando o assunto é prevenção a uma gravidez indesejada (e também as doenças sexualmente transmissíveis, apesar desta não ser, neste momento, o foco da presente pesquisa). Para eles, a escola é muito importante, pois muitos(as) alunos(as) os procuram para falar sobre gravidez, uso de preservativos, doenças sexualmente transmissíveis.

- Os(as) professores(as) avaliam que oferecer informação nunca é demais, pois as escolas poderiam desenvolver projetos em parcerias para a melhora da transmissão das informações; é o caso de palestras e debates, por exemplo. O papel da escola é fundamental na opinião dos(as) entrevistados, pois eles acreditam na disseminação das

informações, já que muitos não as têm em casa. Esta opinião vai ao encontro do que os próprios adolescentes responderam.

- Além da escola, os(as) professores(as) acreditam que os meios de comunicação social têm um papel fundamental na transmissão das informações. Para eles, a mídia tem uma função importante, que deveria girar em torno da responsabilidade social. Por ser um veículo que atinge todas as classes e faixas etárias, a televisão, por exemplo, deveria se preocupar mais em abordar estas temáticas, esclarecendo dúvidas, conscientizando as pessoas, principalmente os(as) adolescentes, que estão cada vez mais conectados aos meios de comunicação. Neste caso, vale salientar que as redes sociais, na velocidade propagada atualmente, são uma excelente oportunidade de disseminação das informações. Os(as) jovens estão sempre conectados e isso pode ajudá-los, mas a questão é que realmente as informações ainda não alcançam a todos(as).

HORIZONTES

O assunto ‘maternidade e paternidade na adolescência’ requer contínua atenção da sociedade, em forma de políticas sociais que atendam este público. Os (as) jovens estão em uma fase que durante muitos anos foi considerada a mais indicada para ter filhos, principalmente do ponto de vista biológico. Isto porque a mulher está apta a procriar a partir da primeira menstruação, mas socialmente, é pouco indicado que comece a ter filhos tão jovem, pois isto envolve o afastamento da escola e compromete seu futuro. Para os homens, a mudança biológica não é tão marcante, mas justamente por isso precisa ser trabalhada, para que a paternidade venha juntamente com a responsabilidade.

É perceptível que os(as) jovens ainda carecem de informações. Ainda carecem que estas informações cheguem de forma adequada e que realmente façam sentido, pois o que se percebe entre os grupos jovens é que o pensamento mágico ‘isso não vai acontecer comigo’ ou a frase ‘eu sei’, ainda persistem.

Mas outra percepção importante é que a família é o ‘porto seguro’ destes(as) jovens entrevistados(as) e isso demonstra que é neste núcleo que a disseminação das informações devem começar. A escola por sua vez exerce um papel mais educativo, que deve complementar as informações recebidas na família. E para fechar este ciclo, os meios de

comunicação social, hoje melhor traduzidos por meio da internet, devem acompanhar esta necessidade constante de informação juvenil.

Como tantas outras pesquisas, esta também não está totalmente concluída, mas abre horizontes para discussões e para que outras investigações possam ser realizadas, principalmente quando os protagonistas são os(as) próprios(as) jovens.

REFERÊNCIAS

BAGNARELLI, Giseli de Paula. **A educação face a sexualidade adolescente**. Franca: UNESP, 1996. (Trabalho de Conclusão de Curso).

CAVASIN, Sylvia. **Gravidez de adolescentes entre 10 e 14 anos e vulnerabilidade social** – estudo exploratório em 5 capitais brasileiras. São Paulo, 2004. Disponível em <http://www.ecos.org.br/download/Pesquisa%20Gravidez%20na%20Adolescencia%20-%20Mar%C3%A7o2004.pdf>

MINISTÉRIO da Saúde. Disponível em http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/default.cfm?pg=dspDetalheNoticia&id_area=124&CO_NOTICIA=11137

MODIANO, Maria Lourdes Lima. **Seu Filho Adolescente** – Publicação Oficial do Departamento de Educação e Saúde dos EE. UU.Tecno Print S/ANO.

NETO, Joaquim Marinheiro. Gravidez na adolescência. **Folha de São Paulo**. Caderno SP Nordeste, 07 de outubro de 1991.

QUADROS, Vasconcelos. **Meninas Grávidas**. Edições Paulinas: São Paulo, 1991.

SANTOS, Sandro. **Gravidez na adolescência**. Franca: UNESP, 1996. (Trabalho de Conclusão de Curso).

SUPLICY, Marta. **Conversando sobre sexo**. Vozes, 10ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, 1983.